

---

O mar do Algarve é feito de cartão como nos cenários de teatro e os ingleses não percebem: estendem conscienciosamente as toalhas na serradura da areia, protegem-se com óculos escuros do sol de papel, passeiam encantados no palco de Albufeira em que funcionários públicos, disfarçados de *hippies* de carnaval, lhes impingem, acorados no chão, colares marroquinos fabricados em segredo pela junta de turismo, e acabam por ancorar ao fim da tarde em esplanadas postiças, onde servem bebidas inventadas em copos que não existem, as quais deixam na boca o sabor sem gosto dos uísques fornecidos aos figurantes durante os dramas da televisão. Depois do Alentejo, evaporado na paisagem horizontal como manteiga numa fatia queimada, as chaminés que se diriam construídas de cola e paus de fósforo por asilados habilidosos, e as ondas que se diluem sem ruído na praia no croché manso da espuma, faziam-no sempre sentir-se como os bonecos de açúcar nos bolos de noiva, habitante espantado de um mundo de trouxas de ovos e de croquetes espetados em palitos, a imitar casas e ruas. Estivera uma vez com a Luísa em Armação de Pêra e quase não conseguira sair do hotel surpreendido por aquela insólita mistificação de bastidores que toda a gente parecia tomar a sério, lubrificando-se de cremes fingidos sob um holofote cor-de-laranja, manejado de um buraco de nuvens por um electricista invisível: confinado à varanda do quarto por um absurdo que o assustava, contentava-se em espiar, embrulhado num roupão de banho que o aparentava a um *boxeur* vencido, em que as marcas dos socos se substituíam pelos lanhos da *gillette*, o grupo da família lá embaixo, em torno de um monte de sandálias e chinelos, à laia de escuteiros disciplinados à roda do

seu fogo ritual. De noite, uma ventoinha ferrugenta expelia na sua direcção o hálito doce e morno de um contra-regra diabético, e uma constelação de luzes suspendia-se por fios de arame de barcos de lata, reduzidos à geometria sem espessura do perfil. Deitado na cama, abraçado à Luísa, via as cortinas agitarem-se na claridade fosforescente de uma aurora de celofane, e perguntava-se a si próprio, intrigado, se o amor que fazia não passava de um exercício frenético dedicado a um público inexistente, para quem articulava as suas réplicas de gemidos numa convicção patética de actor. E agora, tantos anos depois, que partia sozinho da Balaia na direcção de Lisboa, esperava, quase sem querer, encontrar-me contigo no jardim, no meio de estrangeiras loiras, trágicas e imóveis como Fedras, em cujos olhos vazios habita a solidão resignada das estátuas e dos cães. Sentar-me-ia num banco, entre as varizes sem ternura de uma alemã velha e as coxas entrelaçadas de um casal de adolescentes à deriva numa jangada de haxixe, sorrindo para ninguém a alegria de uma dimensão desconhecida, até ver-te de repente, do outro lado da praça, com um cesto de verga ao ombro, de cabelo repartido ao meio num penteado de *squaw*, a avançar para mim como a menina do anúncio dos colchões *Repimpa*, que os óculos de Greta Garbo reciclavam.

A impessoalidade uniforme dos hotéis produzia nele uma exaltante sensação de liberdade: nenhum objecto seu assinalava os móveis como a urina dos cachorros a casca das árvores. Os longos corredores repletos de portas numeradas traziam-lhe à idéia fantasias de bordel caro, do mesmo modo que as pequenas mercearias da sua infância se haviam transformado em supermercados gigantescos semelhantes a estações espaciais, e comprazia-se a imaginar, trotando pela passadeira, de quarto em quarto, homens mergulhados de bruços a ofegarem sobre pares de joelhos perfumados de madeiras do Oriente, antes de se lavarem com sabonete *Ach Brito* nos jactos contraditórios do polibã. Os empregados da recepção oficiavam entre livros e chaves numa dignidade de padres. Sujeitos de cachimbo dormitavam os filetes do almoço com mantas de jornais estrangeiros esquecidos nos colos magros. E sentia-se,

---

ao entrar na porta giratória, imprevisível como uma bolinha de roleta, tão capaz do pleno de uma norueguesa como da jogada perdida de uma esplanada frente à praia, ruminando azedumes diante do gás do *ginger-ale*.

Ao fim do dia lambia a tua pele como as vacas o côncavo das rochas, essa teia de aranha esbranquiçada que o sol estende no ventre em desenhos concêntricos como o alcatrão na areia da vazante, e se prolonga até aos pêlos do púbis num gosto inesperado de marisco. O mar de cartolina mudava a pouco e pouco de cor à aproximação da noite, iluminado por um filtro roxo que confere ao quinane melancolias de tercetos de borda-de-água. As últimas pessoas abandonavam a praia a cambalearem de cestos, sombrinhas e bancos, num êxodo cabisbaixo de refugiados de guerra, perseguidas pelas nuvens lilases do crepúsculo, lustrosas como bochechas contentes. Os candeeiros revelavam arbustos de plástico em que ralos de corda trinavam a folha-de-flandres monótona das asas. E eu deixava lentamente de te ver, dissolvida no escuro que entrava pela janela do quarto em ímpetos irresistíveis de bafo de alho, obrigando-me a buscar-te às apalpadelas à laia de quem procura o interruptor da luz, na esperança de que o teu sorriso abrisse uma frincha clara nas trevas da almofada, e os teus gestos trémulos de polvo se aproximassem dos meus numa tímida reptação de ternura.

Saía da Quinta da Balaia na direcção de Lisboa, do aldeamento de amêndoa e clara de ovo da Balaia onde pessoas de plástico passavam férias de plástico no aborrecimento de plástico dos ricos, sob árvores semelhantes a grinaldas de papel de seda que a pupila verde da piscina reflectia no azul de metileno da água. Amanhecera algumas vezes nessas casas de maçoção com o *eye-liner* do sol a sublinhar as pálpebras das persianas e a conferir aos lençóis desfeitos o tom de papel pardo amarrado das montanhas dos presépios, e circulava descalço na tijoleira do chão como no interior de um bolo de luz, à procura na cozinha de uvas tão pesadas como as dos quadros dos pintores espanhóis, cuja carne branca lhe deixava na boca o gosto espesso do sangue. No céu que se aparentava a um rio de mãos

abertas, nuvens redondas baloiçavam docemente penduradas por fios de *nylon* dos grampos transparentes do ar, à laia das chaves dos quartos no vestíbulo de um hotel. Na relva envernizada, um tio em calções lia o jornal, de súbito sem a dignidade do fato, a pompa da gravata, a tosse competente do Inverno, cruzando as pernas magras como talheres num prato, a fitar os pássaros caligráficos desenhados nos cadernos de duas linhas dos ramos. Amanhecera algumas vezes no silêncio de uma casa imóvel, pousada como uma borboleta morta entre as sombras sem corpo da noite, e olhava, sentado na cama, os contornos difusos dos armários, a roupa ao acaso nas cadeiras como teias de aranha cansadas, o rectângulo do espelho que bebia as flores como as margens do Inferno o perfil aflito dos defuntos. Vinha cá fora observar os insectos em torno das lâmpadas no silêncio de ventre secreto do Verão, de ventre morno e secreto de mulher do Verão, sentia o doce cheiro putrefacto do levante na pele, escutava o rumor desordenado das acácias e pensava Estou numa lavra de girassol da Baixa do Cassanje entre os morros de Dala Samba e da Chiquita, Estou de pé na planície transparente da Baixa do Cassanje voltado para o mar longínquo de Luanda, o mar gordo de Luanda da cor do óleo das traineiras e do riso livre dos negros, pensava Estou na quinta do avô perto dos bancos de azulejo e dos galinheiros em repouso, se eu fechar os olhos penas brancas, soltas, descerme-ão no interior do crânio numa leveza de neve, e acocorava-se no alpendre, incrédulo, sob as estrelas de vidro do Algarve, coladas ao cenário do tecto de acordo com uma geometria misteriosa. E, como sempre acontecia no decurso das insónias, os malucos da infância, os ternos, humildes, indignados, esbracejantes malucos da infância principiavam a desfilar um a um pelas trevas, numa procissão ao mesmo tempo miserável e sumptuosa de palhaços pobres iluminados de viés pelo foco oblíquo da memória, ao som da música antiga do gramofone do sótão, a gemer uma valsa reumática sobre cavalos de pau, cobertos do lodo baço do pó:

Havia *Monsieur* Anatole, o gravador francês de que o pai lhe falara, *Monsieur* Anatole a quem ele atribuía, sem saber

porquê, a cabeleira branca e a íris cor-de-chumbo de Marc Chagall, aguarelando relógios com asas, violinistas cegos e amantes abraçados, *Monsieur Anatole* que escrevia o romance *Livre Plus Que Social*, e respondera a um médico, ao perguntarem-lhe se tinha filhos, num desdém enojado:

— *Docteur, je ne fabrique pas des cadavres.*

Havia os malucos de Benfica, o senhor idoso que abria de repente a gabardina à porta da escola a exhibir o trapo do sexo, o bêbado Florentino sentado no passeio, à chuva, numa postura grandiosa, a insultar as pernas rápidas das pessoas na veemência complicada do tinto, os doces malucos de Benfica desbotados como fotografias no álbum confuso da infância, o sineiro que tocava o *Papagaio Loiro* durante a Elevação da missa ao meio-dia, de opa enrodilhada ao vento como a capa de um cavaleiro a galope, a mulher que guardava as hóstias em casa numa caixinha na esperança de reconstituir um dia o corpo inteiro de Deus, os malucos de Benfica que à noite se uniam em matilha como os cães vadios, e gritavam na vastidão calada das quintas os latidos horríveis dos seus protestos.

Passou defronte do escritório da Balaia, junto ao campo de ténis e aos canteiros de flores amarelas cujas pétalas se abriam devagar à maneira de coxas no ginecologista, submissas e inertes entre os dedos enluvados do sol, e veio-lhe à idéia o homem entornado num carrinho de bebé a ler revistas de Mecânica Quântica na mata de Monsanto, alheio à surpresa e ao espanto das pessoas, um sujeito composto, de paletó e óculos, a ler revistas de Mecânica Quântica na mata de Monsanto dentro de um carrinho de bebé enferrujado, e de como, ao observar a sua estranha naturalidade e a estupefacção entre o riso e o alarme dos outros, decidira ser psiquiatra para entender melhor (pensava) a esquisita forma de viver dos adultos, cuja insegurança pressentia por vezes atrás dos seus cigarros e dos seus bigodes, inclinados para a sopa do jantar numa seriedade pontifícia. E recordou-se, guiando o automóvel ao longo das ruas da Balaia, com o mar ao fundo como que iluminado sob o dorso por uma lâmpada clara, da criatura grisalha, de guarda-chuva entalado no braço e sapatos masculinos ocul-

tos nas pregas enodoadas da saia, surgida de supetão de uma moita, a resmungar palavras que se não entendiam pela boca sem beijos, que principiou a empurrar o sujeito das revistas pelo chão de folhas e caruma num chiar horrível das rodas, como se conduzisse uma criança distraída através da cidade até desaparecerem os dois numa prega de colina, e ficar apenas, pairando, o gemido das rodas, tal um odor de perfume numa cama vazia. Foi nessa altura (pensou) que resolveu ser psiquiatra a fim de morar entre homens distorcidos como os que nos visitam nos sonhos e compreender as suas falas lunares e os comovidos ou rancorosos aquários dos seus cérebros, em que andam, moribundos, os peixes do pavor.

Havia, portanto, os malucos de Benfica, o rapaz magrinho carregado de gaiolas de grilos que conversava com a indiferença dos prédios invectivando as janelas fechadas, o tipo mascarado de sinaleiro de carnaval a orientar numa esquina o trânsito, pletórico de enérgica autoridade, as duas manas solteiras, ganchudas como catatuas, filhas de um piloto de hidroaviões cujo retrato de capacete e peliça ameaçava em vão da parede a sesta do gato, e que nas tardes de Verão invadiam o adro da igreja, de onde saía a compostura lenta dos funerais, a imitarem com as dentaduras postiças o trepidar das hélices, trotando em redor das carretas como pássaros trôpegos, prestes a erguerem-se acima das árvores no cambaleante reboição dos anjos cansados. Nunca mais se esqueceria dos caixões cobertos de panos pretos e doirados, cujas lantejoulas cintilavam, como reflexos num balde, ao sol de Agosto, um desses baldes de *a la minute* de praia onde o nosso rosto se desenha a pouco e pouco num pedaço de papel, dos familiares que escondiam a beata acesa atrás das costas numa cerimónia absurda, como se o cadáver erguesse a tampa para os repreender aos gritos, nunca mais se esqueceria da mudez das rolas durante os funerais, nem sobretudo das filhas do piloto de hidroaviões que ziguezagueavam por cima das acácias em pulos desajeitados de perdiz, entrechocando os incisivos de plástico num arremedo insólito de motores.

Nunca mais esqueceria, pensou quando o portão da Quinta da Balaia surgiu no alto, aberto para a estrada de Al-

bufeira, e se dirigiu devagar ao seu encontro, a casa de saúde na periferia de Lisboa que visitava com os pais no Natal, corredores e corredores onde os passos e as vozes ganhavam inquietantes amplidões de caverna, salas enormes, repletas de mulheres imóveis instaladas em cadeiras de espaldar, mirando-o na fixidez das estátuas de cera plasmadas em atitudes de espera, e das freiras que deslizavam sem som nos ladrilhos do soalho, ondeando de leve as campânulas sobrepostas das saias, e os cumprimentavam inclinando a goma das toucas num murmúrio de reza. O Natal era para ele adolescentes disformes que se babavam em bancos de pau abrindo e fechando terríveis bocas sem dentes, velhas de bibe a requebrarem-se em acenos de *cocotte*, o som inlocalizável de um piano vertical hesitando uma valsa, a arrancar penas a Chopin como a um frango vivo. Nunca se esqueceria da criatura de farripas incolores e longos dedos tão brancos como os das infantas nas criptas, disparada da moldura de uma porta para lhes declamar, nos gestos desarticulados das marionetas, os versos de William Butler Yeats

*When you are grey and old and full of sleep*

num timbre irreal que conferia a cada palavra a vertiginosa fundura de um poço. O Natal não era o beijo embrulhado na fita vermelha do *after-shave* dos tios nem as criadas antigas na cozinha apinhadas à volta das travessas numa agitação de insectos, não eram as primas do Brasil e a sua trémula amabilidade de ciprestes, nem os padres debruçados para os doces num apetite eucarístico, não era a timidez do caseiro a dobrar o boné nas mãos enormes, não era a chuva lá fora, no pátio, nítida contra a trepadeira do muro, desfolhando a frágil tristeza das glicínias: o Natal era a casa de saúde perto de Lisboa e as suas mulheres imobilizadas em contorções patéticas numa luz poeirenta de capela, semelhantes ao perfil prostrado dos sobreiros no Alentejo, por entre os quais flutuam, de tempos a tempos, olhos pálidos de bichos.

Procurou às cegas a garganta de Paul Simon no portalluas e introduziu-a na ranhura de caixa de esmolos do leitor

de cassetes no intuito de escutar, a caminho de Lisboa, o apelo hesitante e terno, delicado e ferido, de uma voz tão igual à que se lhe enrolava nas tripas que o assaltava por vezes a sensação esquisita de que cada uma das palavras do cantor fora arrancada, sílaba a sílaba, do mais secreto de si mesmo, e o envergonhava que aquele homem lhe mostrasse em público, despidoradamente, a intimidade da angústia que tentava transformar, em vão, na lucidez sem amargura que fazia nele, nos seus melhores momentos, as vezes da alegria. Um roçar de violinos, leve como um espanador, trepou-lhe das pernas para o peito como a maré veste, no rio, o lodo castanho da muralha numa poderosa inspiração de água:

*I met my old lover  
on the street last night  
She seemed so glad to see me  
I just smiled  
And we talked about some old times  
And we drank ourselves some beers  
Still crazy after all these years  
Still crazy after all these years*

*I'm not the kind of man  
Who tends to socialize  
I seem to lean on  
Old familiar ways  
And I ain't no fool for love songs  
That whisper in my ears  
Still crazy after all these years  
Still crazy after all these years*

*Four in the morning  
Crapped out  
Yawning  
Longing my life away  
I'll never worry  
Why should I?  
It's all gonna fade*

---

*Now I sit by my window  
And I watch the cars*

*I fear I'll do some damage  
One fine day  
But I would not be convicted  
By a jury of my peers  
Still crazy  
Still crazy  
Still crazy after all these years*

Sou parecido com este tipo pequenino e feio (pensou) e espanta-me não encontrar sobre o umbigo, quando o coço, uma pauta de cordas de guitarra, espanta-me que a minha saliva, a minha urina e o meu esperma não saibam à espuma de cerveja morna dos bares dos negros de Harlem que escorra para dentro da garganta num lamento de *blues*, espanta-me este cenário de cartão para férias inventadas, este Algarve excessivamente claro que afasta os loucos e os espectros com o néon do sol, reduzindo a penumbra a uma vaga geometria de linhas escuras acumuladas nos ângulos dos quartos. Como em Lisboa, verificou a palpar uma espinha infectada no pescoço, a única cidade do mundo onde a noite não existe: existem manhãs, tardes, crepúsculos, auroras, as nuvens translúcidas, alaranjadas, roxas, do poente, que se afilam e estiram como os troncos no orgasmo num júbilo elástico e tranquilo, existe o revelador brutal da madrugada que faz surgir nos nossos rostos nos espelhos os contornos dos velhos que seremos, mas a noite não existe: os turistas, perplexos, fotografam estátuas idênticas e gerais de chocolate, perdem-se, de mapa em riste, num labirinto de travessas fumegantes como intestinos, invadem as pequenas pastelarias suburbanas onde cavalheiros calvos bebem chás de limão defronte dos problemas de damas do jornal, e acabam por regressar, extenuados, aos hotéis, para tentarem dormir na claridade ofuscante de um meio-dia perpétuo.

Foi em África, no país dos Luchazes, que eu soube que em Lisboa não existia a noite. O país dos Luchazes é um

planalto vermelho, mil e duzentos metros acima do mar, em que o pó cor de tijolo atravessa a roupa para nos aderir à pele, se nos enredar nos cabelos, nos obstruir as narinas do seu odor de terra, próximo do odor ácido e seco dos mortos. O país dos Luchazes, quase despovoado de árvores, é um país de leprosos e de trevas, um país de vultos inquietos, de rumorosos fantasmas, de gigantescas borboletas emergindo dos seus casulos do escuro para cambalearem, em busca das lâmpadas, numa obstinação desesperada de raiva. É o país onde os defuntos assistem sentados aos batuques, frenéticos da presença invisível dos deuses, arregalando de prazer as órbitas côncavas como tinteiros de escola, repletas de densas lágrimas de alegria. É um país magro de mandioca e de caça, embaciado de nevoeiro, que os espíritos desertaram a caminho das florestas do Norte, tão tocadas de vida como o despertar, em Maio, das maçãs. Nesse país de pequeninos rios estreitos como pregas na pele, minúsculos como cicatrizes ou como vincos de sorrisos, encontrei amigos entre os pobres negros da PIDE, Chinóia Camanga, Machai, Miúdo Malassa, os chefes da tropa laica que a PIDE arregimentara para combater os guerrilheiros, e que saíam para a mata ao alvorecer a fim de lutar contra o MPLA e a UNITA, silenciosos e rápidos como animais de sombra. Eram homens corajosos e altivos enganados por uma propaganda perversa, pelas garantias cruéis, pelas promessas mentirosas do regime, e eu costumava conversar com eles, à tarde, nas suas casas de adobe, acorados num tronco, olhando a mancha branca do quartel no alto, onde os faróis dos jipes produziam uma indecifrável dança de sinais. Cães esqueléticos latiam das moitas gemidos aflitos de menino, as galinhas procuravam abrigo nas esteiras, Machai, o irmão da professora, trazia uma cadeira para mim, dizia:

— Tumama tchituamo, Muata

e ficava ao meu lado a contemplar o seu país em guerra, as queimadas do cacimbo, a chegada das trevas com o seu cortejo de fantasmas, ficava a contemplar o seu país com a expressão impassível dos Luchazes, ou ensinava-me pacientemente a sua língua estranha com um brilho divertido nos olhos. Às

vezes, António Miúdo Catolo, o Muata dos Muatas, o chefe dos chefes, vinha ter connosco à cubata de Machai na colina do hospital civil, junto ao quimbo de Sandindo e de Bartolomeu, os caçadores de crocodilos, que me garantiam que ao abrir um jacaré se topavam diamantes e areia na barriga, diamantes grossos como órbitas despedindo reflexos de sangue na gelatina azul dos intestinos. António Miúdo Catolo parecia-se com Zorba o *Grego* nos enormes bigodes pendentes e na postura orgulhosa do corpo, repleta de desdém e de ternura, nos ombros largos, nos longos músculos de palanca tensos de força tranquila, no calmo riso de eucalipto em que os dentes se agitavam num rumor doce de folhas. Um dia em que passeávamos no arame farpado, perto do posto de sentinela dos milícias agarrados como náufragos a antiquíssimos bacamartes inúteis, voltou-se para mim e declarou-me, no seu português reinventado, cheio de miraculosa frescura de uma redondilha de Bernardim, que em Lisboa a noite não havia, surpreso por eu chegar de Portugal e não conhecer essa evidência, nunca ter percebido, em vinte e oito anos, que na minha cidade a noite não existia. Tempos antes, o governo condecorara-o com uma Cruz de Guerra e uma viagem à Europa: levaram Catolo para Luanda, meteram-no no avião, desembarcaram-no no aeroporto, compraram-lhe um fato e uma gravata num saldo dos Fanqueiros (como pode ser, um herói sem fato nem gravata?), alugaram-lhe um quarto numa pensão manhosa da Praça da Figueira, deram-lhe quinhentos escudos e esqueceram-se dele. A dona da pensão fechou o quarto à chave “para o palerma do preto não desatar por aí a embebedar-se e a fazer asneiras, o senhor sabe como esses macacos são”, e Catolo ficou, intimidado e hirto, entre o guarda-vestidos e a cama, apoiado ao lavatório de esmalte de tripé na atitude petrificada dos retratos, com a Cruz de Guerra na lapela e o dinheiro na algibeira, pedaço de papel que crepitava como as folhas de tabaco se os seus dedos o premiam. Tinha fome, tinha sono, tinha vontade de urinar mas não podia deitar-se, porque os Luchazes só se deitam a seguir ao crepúsculo e o crepúsculo não vinha: depois do dia do sol seguiu-se o dia dos candeeiros, depois do

dia dos candeeiros seguiu-se o dia do sol, e António Miúdo Catolo aproximou-se ansiosamente da janela para aguardar a noite, espiar o azul das primeiras trevas na crista dos telhados, adivinhar as sombras que lhe permitissem estender nos lençóis o corpo exausto, enrolado de cãibras como o dos vitelos fatigados. Os automóveis continuavam sempre a buzinar na rua, vozes subiam constantemente da praça, os anúncios de néon lambiam o peitoril ao ritmo cardíaco das suas línguas roxas, expulsando para muito longe o silêncio do escuro e a paz de crisálida necessária ao sono. Mesmo os pombos permaneciam atentos em redor das estátuas, fixando-o com as bolinhas de vidro acusadoras das pupilas, e ele sentiu-se vigiado pelas almas em pânico dos seus mortos, saídos da terra, sob a forma de pássaros, no intuito de o proibirem de adormecer. António Miúdo Catolo esteve setenta e duas horas em jejum, urinando-se de terror nas calças novas, com o nariz encostado à janela a que se colava um meio-dia sem fim, até a dona da pensão abrir a porta, lhe tocar no ombro com o dedo, e ele escorregar pelo corpo dela até ao soalho, sem uma palavra, e ficar crucificado no capacho à maneira do cadáver de um gato atropelado na estrada.

De modo que anos volvidos, no planalto dos Bundas, após ter apertado a mão a um ministro qualquer, posado para as fotografias do jornal, e regressado ao seu país de rumorosas trevas, ao seu país em guerra de rumorosas e agitadas trevas, o Muata dos Muatas, livre já do pesadelo de uma cidade diurna, me mirava de viés pasmado da minha ignorância de Lisboa, da estupidez que me vedava o entender que na Europa, nesse idoso e triste continente de catedrais e túmulos, a noite não existe e as pessoas se transformaram, a pouco e pouco, em pálidos espectros ambulantes tropeçando nas ruas à procura de um descanso impossível. Estávamos perto do posto de sentinela dos milícias, de frente para a picada que conduz ao Luso e onde as máquinas enormes da Cetec derrubavam árvores com os ombros de ferro, vociferando e fumegando de fúria tripuladas por mulatos de camisolas coloridas. A mata do Chalala tingia-se de um outro verde sobre o verde da tarde, o ar prin-

cupiava a tornar-se opaco de insectos, e dentro em breve as sombras dos primeiros defuntos, dos primeiros sobas defuntos e das primeiras crianças mortas, começariam a mover-se no capim idênticos aos ratos que se alimentavam da carne podre dos leprosos.

— A noite em Lisboa é uma noite inventada — disse eu —, uma noite a fingir. Em Portugal quase tudo, de resto, é a fingir, a gente, as avenidas, as casas, os restaurantes, as lojas, a amizade, o desinteresse, a raiva. Só o medo e a miséria são autênticos, o medo e a miséria dos homens e dos cães.

Os eucaliptos da missão deserta não se distinguiam já para além do edifício cúbico da Administração e do quintal da PIDE que os prisioneiros meios nus sachavam. As lâmpadas do quartel eram como que uma grinalda de feira triste, de feira de província abandonada, e na messe de oficiais o comandante devia sentar-se à mesa no suspiro de câmara de ar que se esvaizia do costume, o corpo flutuando no exagero mole da farda. Uma criança morta passou rente a nós sem nos ver, com as órbitas fosforescentes de apreciação idênticas às das gazelas ou dos mochos feridos.

— Tenho receio das crianças mortas — disse eu baixinho agarrando com força o braço do Muata. — Tenho receio das crianças mortas, tenho medo da maldade perversa das crianças mortas.

António Miúdo Catola deslizou o polegar pelo bigode imenso:

— Os brancos são loucos — declarou ele —, os brancos são mais loucos que os meninos.

E só em 1973, quando cheguei ao Hospital Miguel Bombarda para iniciar a longa travessia do inferno, verifiquei que a noite desaparece de facto da cidade, das praças, das ruas, dos jardins e dos cemitérios da cidade, para se refugiar nos ângulos das enfermarias, como os morcegos, nos globos do tecto das enfermarias e nos velhos e esbeçados armários de medicamentos, nos aparelhos de electrochoque, nos baldes de pensos nas caixas de seringas, até os internados regressarem em silêncio do refeitório e ocuparem as camas de ferro por

---

pintar, o servente rodar o comutador da luz e ela desdobrar o feltro nojento das asas, o feltro nojento e pegajoso das asas sobre os homens deitados que a fitam de entre os lençóis numa irreprimível náusea. A noite que desaparece da cidade estava no rosto inclinado para o ombro do doente que se enforcou por detrás das garagens e cujas sapatilhas rotas oscilavam de leve à altura do meu queixo, estava nos órbitos que verificava nas horas de serviço, passando o diafragma gelado do estetoscópio por peitos imóveis como barcos finalmente ancorados, estava nas feições atónitas dos vivos encerrados nos muros e nas grades do asilo, na poeira dos pátios no Verão, nas fachadas das casas em volta. Em 1973, eu regressara da guerra e sabia de feridos, do latir de gemidos na picada, de explosões, de tiros, de minas, de ventres esquartejados pela explosão das armadilhas, sabia de prisioneiros e de bebés assassinados, sabia do sangue derramado e da saudade, mas fora-me poupado o conhecimento do inferno.